

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 26 de Setembro de 1987 * Ano XLIV — N.º 1136 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



«Enquanto eu (Pai Américo) e os meus sucessores dermos à Criança o que ela merece e façam dela a sua aflição número um, temos cumprido o nosso dever — e Deus não falta...»

AQUI LISBOA!

«Enquanto eu e os meus sucessores dermos à Criança o que ela merece e façam dela a sua aflição número um, temos cumprido o nosso dever — e Deus não falta. Não pode faltar à Sua promessa. Isto são verdades eternas.» (Pai Américo)

Só nestes três últimos meses tivemos 60 pedidos de admissão de rapazes e as solicitações continuam.

Sendo certo que muitos casos apresentados, embora dignos de respeito, não são propriamente nossos, porque vocacionados para colégios ou instituições similares, a verdade é que o número de crianças abandonadas, sem família ou em situações equivalentes, não deixa de parar, sem que lhe possamos acudir.

Pai Américo alertou várias vezes os seus sucessores que não admitissem crianças órfãs, só pelo facto de o serem, preferindo as dos caminhos, sem eira nem beira, e abandonadas, que essas, sim, nos pertencem.

Sucedem com frequência aparecerem párocos, felizes pelo bem-estar das respectivas famílias paroquiais, a pedir por jovens com família, em ordem à continuação dos estudos ou porque são considerados indesejáveis nos meios em que vivem. Pensamos que já era

tempo de ser conhecida a índole das Casas do Gaiato, que transformadas em colégiozinhos ou similares, perderiam a sua especificidade e toda a hipótese de sucesso. As interações das famílias são, quase sempre, nocivas.

As últimas crianças recebidas vieram em dois grupos de três irmãos. O primeiro, com idades compreendidas entre cinco e doze anos; o segundo, entre dois e sete. Aquelas sem pais, tendo morrido a mãe tuberculosa há pouco tempo e que estavam a viver nos arredores de Lisboa com uma avó doente e já idosa, em precárias circunstâncias; as segundas, residindo num casebre para os lados das Caldas, sem janelas e sem portas, com o telhado a cair, com o pai em estado de coma por via dum desastre e uma mãe sem norte, deabu-

lando pelas estradas ou oferecendo-se no próprio antro nauseabundo onde vegeta, deixando os filhos ao Deus dará. Se pudéssemos, teríamos trazido também um quarto irmão, bebé de sete ou oito meses, que encontramos todo sujo e deitado no chão, com aspecto muito débil.

Se damos conta aos nossos leitores da vinda dos últimos «inquilinos» chegados, é para lhes garantirmos que continua a ser a nossa «aflição número um» a situação das crianças mais desfavorecidas, com a certeza que «Deus não falta». Pena é que não haja mais «operários» para tão alicianante tarefa e os anos e o desgaste de quem escreve já não permitam grandes veleidades, isto para lá de não podermos aten-

Cont. na 2.ª pág.

Tribuna de Coimbra

«Como sois justo, Senhor, e como são rectos os Vossos juízos. Tratai o Vosso servo segundo a Vossa bondade.»

Com esta oração do Salmo, a Igreja começa nos dias desta semana a sua oração solene.

Hoje, ao subirmos a rampa que dá acesso aos pavilhões dos doentes do Calvário e vermos os braços abertos e os sorrisos dos lábios e dos olhos dos que estavam na varanda, e de alguns acamados, sentimo-nos mais felizes e mais preparados para continuarmos a fazer a nossa reunião habitual. Foi um banho de alegria e de Esperança. Mais uma vez estes irmãos doentes nos afirmaram

que ali é lugar de Vida e não lugar de morte. É lugar de Esperança na bondade do Senhor.

Momentos antes Padre Baptista tinha dito, com muita amargura, que não têm ninguém válido para tratar os doentes. Têm aparecido algumas pessoas, mas vão-se embora. Não acreditam.

Mais que em qualquer lugar, servir no Calvário tem de ser um servir apaixonado por Jesus Cristo sofredor. É primariamente a Ele que servimos na acção que prestamos aos irmãos. Ele é o Servo do Pai que nos convida a nós, Seus

irmãos, a servir. Somos todos servos do Pai que nos tratará com bondade.

Quando afirmamos, com muita convicção, que Pai Américo foi um Homem de Fé, acreditamos que toda a sua Obra — e o Calvário foi o último rebento no seu coração — é obra que Deus quer e nos quer como Seus servos.

Os braços destes irmãos doentes, na varanda da entrada, continuam abertos; e o sorriso nos seus lábios e nos olhos continuam de Esperança. Quem vem servi-los?

Padre Horácio

FESTAS

Tudo gira sobre carris, aparentemente sem desfasamentos na vida comunitária, onde cada qual tem o seu posto como Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

No intervalo dos ensaios os mais responsáveis aprontam roupa e material para os quadros do programa. Uma parte dela não houve hipótese de a conseguir em casas da especialidade. Por isso, Neca e o alfaiate estão ocupados na roupa da *bicharada*.

Nesta questão, foi decisiva a lista telefónica; até para a instalação sonora: — **É preciso um micro muito potente...!** Andou pelos trinta contos.

A preparação do elenco entra pela noite dentro, calendarizada para que na hora própria não haja desafinações nem espaços abertos (cá para nós: se um ou outro acontecer, é o delírio da plateia!). Daí, Bernardino não concordar lá muito com a *première* no Coliseu do Porto, a 4 de Outubro, domingo, pelas 11 horas da manhã. Uma espécie de *ensaio geral* — afirma.

Noutro aspecto, cada vez

mais importante (a vertiginosa vida nas grandes urbes não dá tempo para respirar...), um grupito dos mais pequenos já está preparado para lembrar o convívio, nas localidades onde será, com duas semanas de antecedência. Precioso tempo para *sacudir* os mais ocupados e dizer-lhes que os bilhetes estão *apenas* nos sítios indicados mais adiante, **em caixa**, pelo triste motivo referido na anterior edição.

No entanto, *acabamos de* receber confirmação da Solverde, Espinho, já que o Teatro S. Pedro — de grata memória — acabou. A presença dos gaiatos no salão de festas do Casino de Espinho será muito significativa, em 16 de Outubro, à noite, mês do Centenário de Pai Américo. É verdade: por nosso amor; e de quem o escutava, também revelou a Mensagem do Pobre nesses locais de muitas e variadas gentes; assim como em esplanadas de veraneio, teatros e cinemas, ainda que o seu *avanço* pudesse gerar uma

Cont. na 4.ª pág.

Vistas de dentro

Tem agora 12 anos. Fernando é o seu nome. De passagem pela nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, dei com a comunidade reunida para a oração, ao fim da tarde. É um hábito que guardámos desde o início e não envelheceu ainda, que a experiência é mestra da vida. Ora de uma maneira ora de outra, mais ao jeito das idades e circunstâncias — o certo é que a criança, o adolescente, jovem e adulto, o pai, a mãe e os filhos não são apenas estômago. Matar a fome do corpo é dever da justiça. Nem só inteligência. Matar a sede do saber, é obrigação imposta pela justiça também.

Mas se o projecto de homem se fica por aqui, é riquíssimo,

sim, não satisfaz, porém, a ânsia do seu coração, que outra coisa não é que o apelo do Infinito. Estamos feitos para a Eternidade. Viemos de lá e caminhamos para lá.

«Na verdade, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se arruinar a própria vida? Ou que há-de o homem dar em troca da própria vida?» É do Evangelho esta verdade. Tem a garantia do Único Senhor em nome de Quem servimos estes garotos para que venham a ser homens e não se percam. E a oração é o diálogo com a Eternidade. Ajuda a caminhar para a Fonte Pura do ser. Enriquece. Equilibra. Estas verdades aprendem-se no livro da vida que é a experiência.

Voltemos ao Fernando. Fui buscá-lo há um ano e não o encontrei. Procurei-o na tarde daquele dia e andava pelos montes e quintais vizinhos, perdido da família, com outros companheiros. Tinha, então, 11 anos e mal sabia o que era a escola. A rua, a vadiagem eram o seu poiso e seu modo de viver. Não sabia o que era a mesa com a sopa a fumer e o segundo prato, do mesmo modo; mais a sobremesa e o pão cozido em nosso forno. A cama com lençóis lavados, depois de bem «regados», era luxo a que não estava habituado. O bairro temia-o:

— Ai, senhor Padre, que é uma necessidade levá-lo! Ninguem o segura! Só a cadeia, mais tarde!

O Fernando tem pai e mãe, conforme se lê nos documentos. Mas nada! A taberna e a barraca são lugares de morte da família. Toco, de propósito, nestas feridas porque nelas se aninham raízes de males incuráveis. Verdadeiros cancro sociais. Queremos estar por dentro e ajudar-vos a entrar, à maneira de Pai Américo. Não estou a sentar o Fernando no banco dos réus. O lugar dele é, antes, o do juiz. No dos réus sentem-se outros. Não digo quem. Não sei quem. Mas o do Fernando não é o dos réus. Por isso, o «não julgues para não seres julgado» quero fazê-lo com a vida, amando-o para que venha a ser um homem. Não aconteça, mais tarde, rejeitar com rancor e com ira aqueles que o abandonaram. Assim procuramos refazer a história dele, antes um farrapo e, no futuro, a riqueza de mais um lar.

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● O pai não conseguiu segurar a filha na altura própria; e, agora, sofre mais uma aflição. A quantas temos correspondido!

— Ela foi à hospital, largou lá a menina... e, depois, vieram trazê-la a casa. Voltou pro mesmo home e quer ver-se livre dela!

Quisêramos salvar a vítima, de colaboração com uma instituição da Igreja vocacionada para estes casos específicos. Todavia, quando o assunto ficaria arrumado, a mãe decide não comparecer com a bebé!

O avô da criança parece querer abrir os olhos:

— Vou à Porto, sim senhor. Cabe a nós... tratar do assunto.

A inocente precisa de ficar ao cuidado de instituição adequada (não em qualquer família) que lhe dê futuro e segurança ao abrigo da lei — tantas vezes madrasta em vez de Mãe!

PARTILHA — «Maria de Portugal», em carta de Semancelhe, «retoma o fio da meada fraterna» com «a parcela de Setembro para os queridos Pobres. A de Outubro — acrescenta — já não será de férias de campo». Amor aos Irmãos!

Um cheque da assinante 20631, em sufrágio «da alma dum pessoa de família para ajudar as necessidades da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». Todos os dias há necessidades!

Assinante 21912 manda um conto e uma invocação: «Que tudo esteja na Graça de Deus!» Mas ele haverá Coisa maior e mais necessária!?

Contas em dia e o resto (1.500\$00) para os Pobres, da assinante 15697 cuja família muito tem dado à Obra da Rua! O dobro, da assinante 4951, de Queluz.

Oferta, da capital, pela mão do assinante 11040. Mais, da capital: «Já há algum tempo que não mando nada, mas tenho estado a juntar, que a vida está difícil. Porém, nunca esqueço de poupar para os meus irmãos que precisam». Que bem!

O assinante 8004 visita Paço de Sousa e não esquece os nossos Pobres. A procissão fecha com a habi-

tual presença de «Manel de Braga» para as Vitvas; e 1.000\$00 da assinante 23778 «por intenção de outra irmã muito doente».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FESTAS — Aproxima-se a data da primeira Festa: 4 de Outubro, às 11 h da manhã, no Coliseu do Porto. Todos andam atarefados com os ensaios a cargo do Júlio Silva e do Bernardino, que estão a decorrer em ritmo acelerado, pois temos pouco tempo. Estamos muito excitados, pois temos muito pouco tempo e a estreia é logo no famoso e majestoso Coliseu, da cidade bonita e acolhedora que é o Porto. Esperamos que todos gostem. É com esse objectivo que trabalhamos com afinco.

DESPORTO — Continua a decorrer o Torneio das Vindimas e os gaiatos a fazer boa figura.

Em atletismo, os mais novos têm conseguido destaque individual, o que tem contribuído para que os gaiatos estejam no primeiro lugar por equipas.

Em futebol, a equipa juvenil, no primeiro jogo realizado, bateu sem apelo nem agravo o Rancho por 4-1. No segundo jogo, a sorte foi madrasta. Na primeira parte perdíamos por dois a zero e ainda estivemos a perder por 4-1. Depois, a nossa equipa subiu de rendimento, graças à excelente exibição de Sonnenberg e Edson que levaram a equipa aos 4-3, só que não chegou para evitar a derrota! Se houvesse mais 5 minutos chegaríamos à vitória. Azar! Agora, vamos jogar para o apuramento dos terceiros e quartos lugares.

PRAIA — Chegou o fim das nossas férias. O 4.º turno regressou no passado dia 11. Agora, há que pensar nas dificuldades que nos esperam: as aulas e o trabalho. Esperemos que na escola tudo corra bem, que seja um ano cheio de coisas boas, pois este é especial, marcado com um acontecimento muito importante: o Centenário de Pai Américo. Vamos tentar dar o nosso melhor como prova de gratidão a Pai Américo.

Serafim

A felicidade daquele garoto que já não via há mais de um ano! Os olhos dele a fugir para os meus, enquanto com os lábios balbuciava a oração simples do povo que acredita. Que quadro lindo a espelhar a beleza do tesouro escondido no vadio das ruas e dos montes! Quem tem medo do Fernando? Que força arranca dos monturos tamanha preciosidade? Porque perder a esperança quando tudo parece perdido? «Só a cadeia, mais tarde!» Não, não e não. Oh amor que és tão mal explorado! Oh amor escondido e amarrado no coração de tantos jovens e adultos, segredo da redenção de tantos pequenos da rua! Porque

não rompes as amarras e lanças na aventura da busca das pérolas perdidas nos caminhos a tantos ociosos ou que não sabem o que fazer à vida? Será que o Fernando não convence?

Fomos para a ceia. Quem havia de servir à mesa, de avental lavado, camisola verde, calção cor de laranja, correndo de um lado para o outro? O Fernando! Adeus rua! Adeus montes e quintais roubados! Adeus gentes assustadas do bairro! Chegará o dia em que saltareis de alegria ao ver passar o Fernando a cantar a vitória do amor que o salvou.

Padre Manuel António

O LIVRO

«DE COMO EU FUI...»

— sacode as consciências

Seria pôr «a luz debaixo do alqueire» se não revelássemos um pouco mais da correspondência motivada pelo livro DE COMO EU FUI...

Pelas suas obras, por quanto deixou escrito, lembramos momentos altos com Pai Américo; e, pelas cartas dos Leitores, recordamos, ainda, quanto amenizavam a sua dura vida e eram estímulo para a acção, procurando esconder-se para que o Nome de Jesus sobressaísse em toda a Sua grandeza.

Assinante 31166, do Porto: «O livro DE COMO EU FUI... é do tipo do Notas da Quinzena. Sacode as consciências.

Não é preciso ir buscar palavras rebuscadas para se escrever um livro. O que é preciso é que sejam verdadeiras, simples, escritas por um homem simples. Só assim é que os homens as entendem.»

Expressa bem o critério, a filosofia de Pai Américo!

Assinante 7796, de Coimbra: «Não cabe no limitado espaço desta folha, falar da grande alegria e deleite que me tem causado o livro em questão, escrito com o inimitável estilo de Pai Américo. Nele, o Evangelho e, por vezes, o humor, passam de braço-dado. Tão depressa nos faz brotar lágrimas de comoção e enternecimento, como nos faz rir com uma graça ou uma crítica muito oportunas.»

Filhos que somos, cada vez gostamos mais da análise que nos chega sobre os dons literários e doutrinários de Pai Américo!

Assinante 31285: «DE COMO EU FUI... — que obra sublime!

Quem dera que houvesse muita gente a poder relatar, desta maneira, não só as viagens, como mais e mais...!

Mas, Deus dá a cada um o seu carisma e Pai Américo foi um facho luminoso que brilhou, brilhou enquanto vivo — e continua a brilhar.»

AQUI, LISBOA!

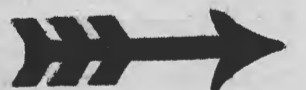
Cont. da 1.ª pág.

der todos os problemas detectados.

Perguntava-nos, há dias, uma senhora se ainda havia crianças abandonadas. Se há! Num hospital de Lisboa, nos respectivos serviços de cuidados intensivos, fomos encontrar um bebé de cerca de um mês, franziníssimo, leve como uma pluma, cuja mãe fugiu, ao que parece, para o país vizinho. Situações como esta repetem-se todos os dias, quando não são mortos à nascença inocentes criancinhas.

É mais fácil progredir materialmente do que na ordem moral. Sem esta, porém, não haverá progresso humano. E af está, para quem o quiser entender, o alastramento da sida, já chamado «flagelo do século».

Padre Luiz



O NOSSO JORNAL

Dois assinantes de «velha guarda», uma do norte, o outro do centro do País, tocam uma nota a que somos muito sensíveis e constitui recomendação sublinhada em todas as saídas da campanha de novos assinantes.

Diz a primeira: «Peço-vos uma coisa: Anulem a assinatura de meu irmão F. Julgo que não lê o jornal por falta de tempo, devido à sua vida profissional de médico com imenso trabalho. Assim, vou mandar o nome de outra pessoa que leia o jornal, pois ele só pode ser para quem o ler.»

O segundo é ele mesmo médico, comprometido na pastoral da sua paróquia, e que por amor dos seus vizinhos e pela sua profunda devoção a O GALATO tomara a iniciativa de uma assinatura de 50 exemplares em seu nome e outra de mais 20 em nome da Comissão Fabriqueira da sua Igreja, a fim de os distribuir sem preço ao povo da sua freguesia. Ouçamos o desabafo que acompanhou o pedido de cancelamento das duas assinaturas: «Mais uma vez constatei que este pobre povo não se habituou ainda a ler seja o que for. Os jornais, e também ou-

tras revistas, apesar de distribuídas gratuitamente, são postos à disposição da assembleia dominical numa mesa no meio da Igreja e da Capela, e de quinzena para quinzena ficam todos ou quase todos. É uma pena!

Como se pode evangelizar uma Comunidade que não gosta de ler e, para ouvir, não frequenta os lugares e os momentos em que se fala de Cristo e dos Irmãos? Só a oração pode modificar este nefasto defeito!»

Retomo a fórmula da nossa correspondente: «O GALATO só pode ser para quem o ler». Pai Américo escreveu-o e mandou-nos escrevê-lo «como quem reza». Proclamou inúmeras vezes que «a sua tinta é sangue». Trata-se, pois, de coisa santa, que não é de profanar. Assim o entende quem o lê com inteligência e coração abertos. Quem

não lê, nada pode entender.

O GALATO não admite neutralidade. Talvez por isso, alguém, há muitos anos, o apelidou de «Famoso» — e o nome pegou.

Quando alguém nos pergunta as condições da sua assinatura, só temos uma resposta: — Lê-lo; assumir o compromisso habitual de o ler. O resto são acidentes.

Claro que a sua publicação movimentava grandes verbas. Mas quem o lê, quem lhe quer com a ternura tantas vezes testemunhada, compensa sempre. Se não for em dinheiro, é em valores de comunhão que nem a traça rói nem os ladrões roubam e Deus multiplica.

Foi a semana passada — mais um caso, de tantos da mesma sorte — que uma viúva recente pedia, dolorida, a suspensão da sua assinatura porque a presente situação econó-

mica lhe não permitia retribuir. Qual não permite?! Reze por nós, ria connosco, chore connosco! — e presta-nos a mais substancial retribuição possível. Em moeda cunhada com a chancela de César, outros darão por ela. E até ela o fará ao primeiro sopro de brisa que lhe alivie o peso da respiração!

Não é a paixão dos grandes números o que nos empolga, mas a profundidade da «revolução» que O GALATO provoque nas almas. A sua tiragem já se mede por números extraordinários para o nosso meio —

e nós queremos mais! Como é igualmente verdade que nos não importáramos que fossem menos, tanto quanto se realizasse a verdade de que a cada jornal correspondia um leitor.

Por isso agradecemos aos nossos dois correspondentes o seu zelo neste sentido, o seu sofrimento pelo desinteresse dos que não lograram motivar à leitura do «Famoso». Um ou outro que sim, valeu a pena. Como vale esta definição feliz: «Ele só pode ser para quem o ler».

Padre Carlos

Do que nós necessitamos

«Esta migalhinha, peço ao Senhor que multiplique para que a possais empregar na carência mais urgente, neste momento. Que eu esteja sempre atenta para seguir o que meu marido se propôs sempre fazer: estar disponível e presente onde e quando o Senhor entendesse oportuno. Não quero adiar esta presença.» E temos mais para vos contar: «Pai Américo alertou a minha consciência para a prática do bem e do amor». São duas viúvas a falar-nos do valor da fidelidade. Vieram 10.000\$00, mais 5.000\$00. Outros dez mil, de Maria do Rosário. Mais uma viúva com duas notas de cem, 5 mil e cumprimentos. Anónima, como sempre, dá 3.000\$00 e «um grande abraço para toda a Obra do inesquecível Pai Américo». Nem sempre damos aqui nota do que os visitantes põem na Capela que guarda o túmulo de Pai Américo ou na mesa dos cicerones. É tanto! Do assinante 34995, dez mil.

Da Julieta, 2.500\$00. Da Lúcia, 12.000\$ «para aquilo que mais precisarem e peço que considerem a oferta anónima». Que nos perdoe, pois já está escrito o nome! Vamos parar por mais uns momentos: «Só algumas linhas para agradecer tudo aquilo que recebo através do vosso jornal. O amor torna tudo mais simples. Tantos problemas que podiam ser evitados! Eu estou a fazer um Mestrado em Biologia. Contacto com muitas pessoas para quem o único Deus é a ciência. Obrigado pelo vosso testemunho». E entrega 1.500\$00 para a assinatura d'O GALATO. Não podemos calar o que vemos, lemos e ouvimos. É Luz para colocar sobre o candela-bro. Mais, muito mais luz para alumiar caminhos: «7.000\$ para O GALATO. O restante é para a Obra que desde criança aprendi a conhecer e a res- peitar».

Padre Manuel António

Lar de S. Domingos LAMEGO

SOFRIMENTO COMUM — É sempre bom sabermos que o remédio dum mal pode estar aqui ou acolá. Há uma esperança para debelar aquela dor.

Quantas vezes as portas do Lar de S. Domingos (Lamego) se abrem para atender alguém que bate, julgando estar ali a resolução do seu problema. Nem sempre é possível dizer sim, mas procuramos adoçar o amargo doloroso da palavra não.

Desta vez eram dois homens preocupados com uma família em que a mãe e três filhos, embora possuindo alguns bens, passavam fome, andavam andrajosos, a casa estava em péssimas condições. Tudo isto motivado por uma doença nervosa que impedia a mãe de trabalhar. A descrição do facto, mesmo sem conhecer a família, nem quem dela nos falava, caía em cheio dentro do nosso peito e não parámos um segundo para ajudar a resolver. Era difícil.

A mãe, com 39 anos, tinha de ser internada. Aonde?... Um filhinho de dois anos precisa de ser recebido por alguém. Quem apareceria a querer o pequenino?... Outro, com seis anos, podia ser recebido por nós. A pequena, com nove anos, para onde iria?

Até hoje todos a viver mal, tinham, pelo menos, o calor humano e familiar que aliviava um pouco. Era, todavia, indispensável separar uns dos outros. Ainda pensámos em alugar uma casa onde ficasse a família unida e pagar a alguém que a atendesse. Foi um dia de martírio com pensamentos que se baralhavam e com a vontade de acertar! Ajudados pelo telefone e pelo carro,

começámos uma via-sacra difícil, a procurar lugares que acolhessem uns e outros. Deus é Pai de todos e esteve, mais uma vez naquela hora, connosco. Conseguiu-se onde ficasse a mãe e a filha mais velha. Era ainda um ajuda para o coração da pobre mãe, permanecerem as duas juntas. O António, de seis anos, e o Ricardo, de dois, subiram as escadas do Lar de S. Domingos, na esperança de que havia de aparecer uma pessoa para dar ao Ricardo, tão pequenino, os cuidados que o Lar, com gente mais adulta, não lhe pode dar. Encontrámo-la.

Ainda não houve tempo para cicatrizar a dor que a todos atingiu pela separação uns dos outros. Louvemos o Senhor por que já está cada um a receber as atenções indispensáveis.

Ninguém pergunte por despesas. Gastou-se muito? Mensalmente quanto se vai despende com os quatro assim espalhados? O Lar de S. Domingos assumiu todas as responsabilidades. Se, amanhã, se verificar que algum deles não acertou no lugar escolhido, ou por este foi rejeitado, recomeçamos nova via-sacra. Não se pode fazer caridade à custa dos outros. As pessoas não se podem «arrumar», mas sim acolhê-las em nossos corações. Podemos aproveitar estruturas existentes; nunca, porém, desligar-nos delas, nem deixar de perguntar por elas e dar a nossa colaboração. O leitor amigo que também deve ter um coração onde abriga os irmãos que precisam, vai por certo ficar à espera de novas notícias que daremos em breve.

Padre Duarte

na Natureza, mas cada ser aproveita-a diferentemente — daí as categorias e a sua força específica.

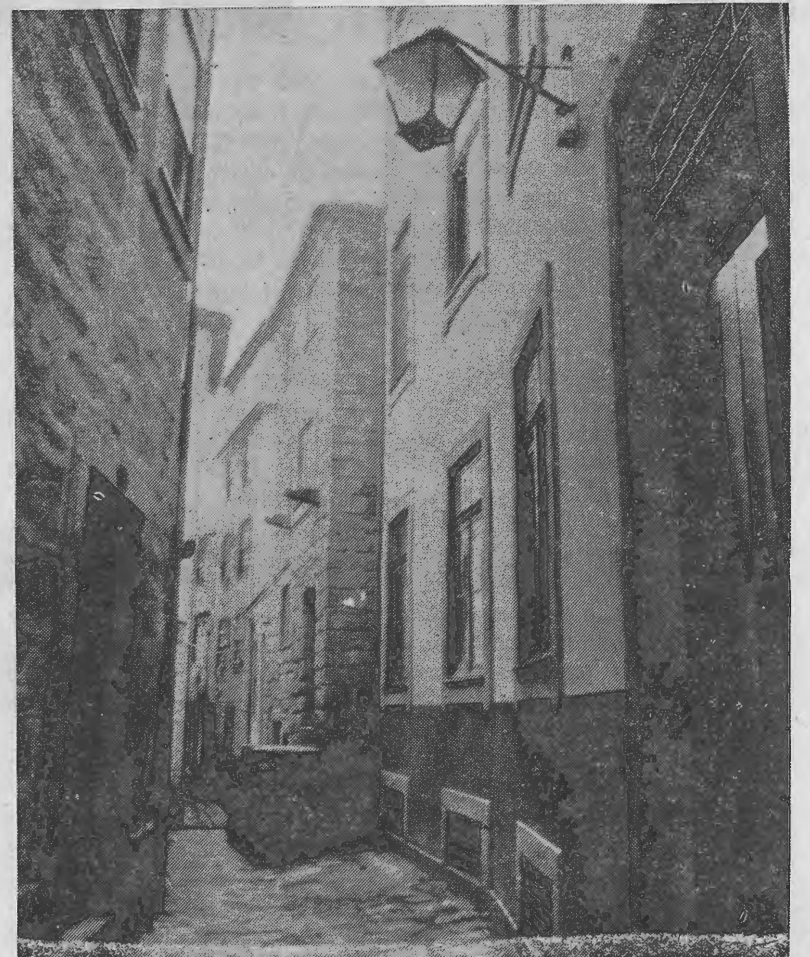
Outras moedas correntes nos mostra Pai Américo, no livro DE COMO EU FUI... De entre elas, a de que o Evangelho é de ontem, é de hoje, será de amanhã. As cenas, porque humanas, repetem-se. O Óbulo da Viúva do Templo: é a moeda pequenina da roupeira do Grande Hotel; é a entrega do dinheiro que la resgatar uma penhorazita; é o Pobre a dar ao Pobre, solidariedade dos humildes; ele é... a riqueza do coração humano, escondida, abafada, mas latente.

Mais um moeda forte de que todos gostamos — a de quanto estimamos «que digam sempre bem de nós, tal o medo que temos da nossa pequenez». O que não se faz para a agarrar! Cobiçada mais do que o ouro. É, de facto, um moeda boa se, e só se, legitimamente conquistada. Esta moeda, porém, tem no verso uma legenda mais temerosa do que a do cave canum das antigas casas romanas: «possam vir a tornar-se cristãos alguns de entre as massas católicas que enchem as Igrejas».

Duro também, Pai Américo: mas justo, cristão mesmo, não pactuando com a impostura.»

Disse mais e mais o assinante 21742, que termina: «Coração e mente presos a esta recomendação de Pai Américo: «A melhor oração da noite é o trabalho do dia».

Júlio Mendes



Éis uma zona do Barredo (Porto) recuperada pelo CRUAR. «Novas condições de vida. Casas plenas de luz.» O antigo candeeiro de iluminação pública permanece no seu lugar! «Era um cemitério de vivos aonde a criança perdia a sua graça natural...» Hoje, não. Assim os responsáveis se dispõem a continuar — e a acabar — esta «página da História de Portugal».

FESTAS

COLISEU DO PORTO

na manhã do primeiro Domingo de Outubro

Cont. da 1.ª pág.

ou outra **desconfiança** no **statu quo**. Que dizer, por isso, dos agentes da ordem (estabelecida?). Um dia, bloquearam Pai Américo no cinema Olímpia (logo abaixo do Coliseu do Porto). Mas, enquanto permanece nos bastidores, plateia em Fogo, busca-se o primeiro telefone e, do outro lado da linha, na Rua Augusto Rosa, o comandante dá **luz verde...** Pai Américo revela, então, com mais vigor, a fluente Mensagem. Arrebata a sala. Es vazia carteiras, recebe anéis, jóias...! Não houve mais, no

Olímpia, uma noite igual! A uma semana da abertura da digressão, cresce o entusiasmo dos nossos Amigos; até nas **voltas** necessárias que acontecimentos desta ordem obrigam. Tudo como dantes: Portas francas, muita amizade; seja no Porto ou Aveiro, Famalicão, Espinho, Amarante ou Braga. Braços abertos que, em silêncio, fazem prodígios de solidariedade. Dizer como e quem, seria profanar.

Júlio Mendes



4 (domingo), às 11 horas da manhã — COLISEU DO PORTO. Bilhetes à venda — dias úteis: Espelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54 (telefones 23981, 23982); todos os dias: bilheteiras do Coliseu (telefone 25196).

6 (terça-feira), às 21,30 h — Teatro Aveirense — AVEIRO. Bilhetes à venda no Teatro Aveirense.

12 (segunda-feira), às 21,30 h — Cine-Teatro Augusto Correia — V. N. FAMALICÃO. Bilhetes à venda: na Confeitaria Bezerra e no Cine-Teatro.

16 (sexta-feira), às 21,30 h — Salão do Casino de ESPINHO. Bilhetes à venda no escritório do Casino.

21 (quarta-feira), às 21,30 — Amarante Cine-Teatro — AMARANTE. Bilhetes à venda: no Cine-Teatro.

29 (quinta-feira), às 21,30 h — Cinema S. Geraldo — BRAGA. Bilhetes à venda: até à véspera, na Vigararia do Apostolado dos Leigos, Rua Santa Margarida, 8; dia da Festa, nas bilheteiras do Cinema.

Correspondência de Família

«Gostaria de lhe comunicar com um certo orgulho moderado que a minha candidatura foi aceite na Universidade francesa — a Margarida frequente a inglesa — e que em Setembro começo as aulas. Aliás, as minhas aulas começam esta semana, porque me falta uma frequência para completar a minha entrada. Não foi fácil e é tanto mais por isso que estou orgulhoso

do meu feito. Tive que subir todos os escalões necessários para lá chegar e quando pedi as equivalências não me deram mais que o primeiro ano...

A Anna está boa e grande como pode constatar (pela fotografia) e em Setembro também ela começa uma nova vida, pois entra para a pré-primária.

A Margarida teve excelentes notas e tem estado a trabalhar desde que o ano lectivo acabou. Aqui (no Canadá), os estudantes que não trabalham no Verão e que não apresentam contas desse trabalho no **curriculum vitae** quando acabam os estudos, não são bem vistos e têm mesmo menos hipóteses que outros do mesmo nível e que trabalham. São considerados um tanto ou quanto parasitas e não são bem vistos porque a entidade patronal não está interessada em empregar alguém que esteja habituado a andar de costas ao

alto — como dizem os portugueses. Para além disso, mentalmente e fisicamente, só lhes faz bem; e enquanto isso, ganham experiência no ramo que mais tarde irão praticar. Um outro aspecto desta tradição, se assim podemos dizer, é que os pais, regra geral, não pagam os estudos aos filhos, não se sentindo para tal obrigados. Tirando as famílias ricas, quando muito, os pais, para estimularem os filhos, ajudam-nos, dando-lhes, por exemplo, uma quantia monetária igual àquela que eles ganharam durante o Verão ou então dividem as despesas: enquanto um paga o quarto, o outro paga a comida (com o que ganhou) e as propinas, etc., etc. Quanto a mim, isto inicia os jovens nas responsabilidades e cria um sentimento de independência e de ajuda familiar que não podemos ignorar e que é salutar.

Quanto ao resto, a nossa vida corre maravilhosamente bem e não nos podemos queixar de nada.

Receba um forte abraço de todos e deste seu,

Joaquim

novos Pobres. Devemos cuidar deles. Se temos Pobres dentro da Obra da Rua, porque os havemos de procurar fora?

A experiência vem confirmar, mais uma vez, a Pedagogia catequética da Obra da Rua.

Para o próximo ano planearemos o acolhimento a vários grupos de doentes. Este punhado de rapazes e raparigas, agora **incendiados**, irá **incendiar** outros e o Reino de Deus tornar-se-á mais palpável.

Padre Acílio

SETÚBAL

Quando em meados do Outono passado vivi alguns dias com os doentes do Calvário, nasceu-me no espírito o desejo de lhes proporcionar umas férias e dar oportunidade de apanharem sol e mar.

Sobretudo, afligiram-me os que passam os dias em cadeiras higiénicas ou presos a leitos por doenças incuráveis.

A compra da casa da Arrábida, com varandas viradas ao sol e ao mar e magnífica esplanada que emoldura a frente, facilitou a satisfação deste desejo.

Em Setúbal, falei várias vezes a grupos de jovens, rapazes e raparigas, do meu sonho, da necessidade dos doentes e da urgência de cada cristão-jovem experimentar a dádiva de alguns dias de férias e de cuidados aos mais pobres dos homens — os doentes do Calvário.

Não foram muitos os que se apresentaram. Para estes serviços há sempre pouca gente. Para uma excursão, peregrinação, passeio ou piquenique movimentam-se centenas, mas para uma acção destas só apareceu meia dúzia. O Reino dos Céus é assim. Pequenininho. Como

um grão de mostarda ou um naco de fermento.

Conquistada a opinião favorável do Padre Baptista, fui ao Calvário buscar sete deles para umas férias, na Arrábida, com os nossos rapazes.

A experiência resultou em cheio.

O Padre Baptista deu sete: quatro rapazes com idades compreendidas entre catorze e dezassete anos, duas raparigas de vinte e cinco e cinco anos e um adulto.

Os seis primeiros dependiam de nós inteiramente. Era preciso mudar as fraldas, lavá-los várias vezes ao dia, pôr a comida na boca, enxotar alguma mosca atrevida que se acantonava nos olhos ou na boca, limpar a baba e entrete-los com brincadeiras ou carícias o dia inteiro.

Foi uma lição prática de Catequese que estes jovens deram a si próprios e receberam dos doentes que inocentemente carregam sobre si os pecados dos homens.

O contacto sensível com Cristo-Vítima foi uma realidade palpável que lhes entrou na alma, na sensibilidade e no coração. Afervoraram-se. Cres-

ceram no amor e na sede de se doarem. Os pecados de omissão de tantos acomodados agigantaram-se em evidência indementível. A riqueza de que cada um é portador, falava-lhes aos olhos perante a imobilidade, incapacidade e sofrimento dos doentes.

Uma das moças, ao despedir-se, pôs-me no bolso da camisa um sobrescrito com toda a mesada que o pai oferecera para aquele mês, desde a nota explicativa: — **Com todo o amor.**

Dois moços dos nossos, dos mais rebeldes e mais difíceis, foram os que mais generosamente serviram os doentes.

Fez-lhes tão bem!... Amadureceram. Encontraram-se. E pela sua dedicação reconquistaram-me. É que a sua antiga consciência criara em mim uma involuntária e pecaminosa animosidade que me fazia sofrer. O carinho paternal para estes rapazes ressuscitou no meu coração. Tudo pelo seu serviço aos doentes!...

Lembrei, tantas vezes, o Padre Américo! «**Não há rapazes maus. Cada freguesia cuida dos seus Pobres.**» Os doentes do Calvário são os

Director: Padre Telmo. Chefe de Redacção: Júlio Mendes.
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA - 4560 Penafiel - Tel. 952285
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa - 4560 Penafiel.